



Ensaio Fotográfico



Nipo-brasileiros em Paracatu: Contribuições da presença japonesa para o desenvolvimento em uma cidade de herança lusófona

Nanahira de Rabelo e Sant Anna

INTRODUÇÃO

O recente desenvolvimento do município de Paracatu pode ser atribuído a diversos fatores, entre os quais o incremento agrícola obtido com o Programa Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER), implantado entre 1978 e 2001, com o objetivo de tornar produtivo o solo do Cerrado, bioma presente em várias localidades do Brasil, a exemplo de Paracatu, cujo território é explorado para a atividade mineradora desde o Século XVIII, quando se registra o início da história paracatuense.

Este ensaio, cujas imagens retratam contribuições da colônia japonesa para o progresso econômico e social de Paracatu, baseia-se em artigo produzido



como atividade da disciplina Estudos Luso-Orientais e apresentado na Conferência Internacional Interfaces da Lusofonia, realizada na Universidade do Minho, Lisboa, Portugal, em 2013. A construção deste trabalho foi motivada pela celebração dos 120 anos de relacionamento entre Brasil e Japão em 2015, quando a homenagem será outorgada a ilustres nipo-brasileiros do Município.

A VIDA DOS NIPO-BRASILEIROS EM PARACATU

Apesar de o artigo que embasou o presente ensaio destacar a contribuição da camada nipônica atuante na agricultura, vale ressaltar que essa população não se restringe a tal atividade, o que pode ser atestado em relatos dos nipo-brasileiros residentes em Paracatu, obtidos por meio de entrevistas livres com três representantes de diferentes gerações de nipo-brasileiros¹.

Apesar de a migração japonesa para o Município ter ganhado força após 1978, ano de estabelecimento do PRODECER, a primeira pessoa que nasceu no Japão a residir em Paracatu foi a Sra. H. K., aproximadamente cinco anos e meio após migrar para o Brasil. Em entrevista realizada em 15 de janeiro de 2013, a *issei* nascida na ilha de Kyushu relatou que emigrou do Japão em 1956, aos 25 anos, com seu marido e um filho de um ano e meio, chegando à cidade de São Paulo após 53 dias de viagem em navio brasileiro. Os motivos foram relacionados à pobreza que assolava o seu país após a Segunda Guerra Mundial, e à busca de novas oportunidades de trabalho, por recomendação de seu sogro, que já havia residido no Brasil e tido outros cinco filhos além de seu marido, *nissei*.

Em Paracatu, residiu primeiramente na zona rural, dedicando-se ao cultivo de frutas e verduras, vendidas na Central de Abastecimento do Distrito Federal (CEASA-DF) e em mercados paracatuenses. Há tempo reside no bairro Centro, e trabalha em sua residência com consertos de roupas, aproveitando sua formação como costureira, concluída ainda no Japão. Chegou a retornar ao seu país por um ano, mas voltou a Paracatu por apreciar a vida na Cidade, principalmente devido ao clima: "O Japão é muito frio, principalmente em dezembro e janeiro... eu prefiro o calor", comenta. Em agosto de 2004, recebeu da Câmara Municipal o título de cidadã honorária de Paracatu, ostentado na

¹ A comunidade japonesa no Brasil e no exterior reconhece os nomes *issei*, *nissei* e *sansei* como referências para três gerações consecutivas: *issei* diz respeito ao imigrante nascido no Japão; *nissei* significa a geração imediatamente posterior, nascida no Brasil; e *sansei* se refere à terceira geração, aos netos de imigrantes japoneses (NAWA, 1988).



parede de sua casa, decorada com objetos japoneses e fotos da família, constituída de dois filhos, seis netos e dois bisnetos.

A segunda pessoa entrevistada foi o Sr. O. N., *nissei* que emigrou de Irapuru, São Paulo, em 1980, para participar do PRODECER, por meio do cultivo de soja, milho, feijão irrigado e, principalmente, café irrigado, no Projeto de Colonização Novo Mundo. Em entrevista realizada em 20 de janeiro de 2013, relatou que seus pais haviam emigrado do Japão, em anos diferentes, para trabalhar na cafeicultura, em substituição à mão de obra escrava no Brasil, onde se conheceram e se casaram. Antes de atuar em Paracatu, dedicava-se à criação de ovos e aves, e era pouco relacionado com a colônia japonesa, apesar de ter se casado com uma *nissei* em 1985, também paulista, formada em Odontologia pela Universidade Estadual de São Paulo. Apesar de ter sido atraído mais pelas condições favoráveis de financiamento e pelas possibilidades de lucro do que pela viabilidade dos negócios ou pelo interesse em se estabelecer no local, logrou constituir um dos únicos empreendimentos viáveis do projeto, no qual atuou até 1996, ocupando diversos cargos na Cooperativa Agrícola de Cotia, entre os quais o de Presidente na Regional de Paracatu-MG. Inviabilizada a continuidade das atividades, com a perda de significativa parcela útil de suas terras pela empresa Companhia de Promoção Agrícola (Campo)² em processo judicial, arrendou-as, foi indenizado por volta de 2001 com muitas perdas, e passou a se dedicar à construção civil, aproveitando conhecimentos obtidos no curso superior de Engenharia Mecânica de Produção da Universidade de São Paulo, aliados às suas altas habilidades.

Em Paracatu, impressionou-o a persistência de cultura escravagista e a falta de uma visão de longo prazo para o desenvolvimento. Na opinião de sua esposa, com quem tem duas filhas, a acolhida e confiança da população no trabalho dela foram apresentados como aspectos positivos. Sobre as contribuições da colônia japonesa, apontou que, nos dias atuais, uma parcela menor dedica-se à agricultura, sendo mais atuante na prestação de serviços. Ressaltou que um traço cultural marcante da colônia é a valorização da educação, para a qual todo o investimento necessário é direcionado, fazendo referência,

²A empresa foi estabelecida, em 1978, com 49% de investimentos da empresa japonesa Japan-BrazilAgriculturalDevelopmentCooperation (Jadeco), e 51% da brasileira Companhia Brasileira de Participação Agroindustrial (Brasagro), como coordenadora da implantação do PRODECER (Companhia de Promoção Agrícola – Campo, 2015)



ainda, a uma importante regra de convivência aprendida na infância, segundo a qual “não se deve tomar atitudes que causem transtornos a terceiros”, geralmente associada a localidades de grande concentração demográfica e a países do Primeiro Mundo como o Japão. Finalizou com um agradecimento aos paracatuenses e aos brasileiros de uma forma geral, pela excelência do acolhimento que tiveram neste País.

O terceiro e último nipo-brasileiro entrevistado, em 22 de janeiro de 2013, foi um jovem *sansei*, o Sr. A. K., que nasceu em Paracatu, filho de pai e mãe *nisseis*, que emigraram para o Município há cerca de 25 anos, para participarem do PRODECER, na Cooperativa Agrícola de Cotia, mediante o cultivo de cereais, principalmente soja e milho. O Sr. K. é o mais jovem de seis irmãos, quatro dos quais são paracatuenses, mas apenas um reside no Município, além do próprio entrevistado, que já terminou o Ensino Médio e trabalha como *designer* gráfico no jornal Dinâmico. Seus pais, filhos de imigrantes japoneses que se dedicaram à agricultura no estado de São Paulo, nasceram na cidade paulista de Pompéia, e residiram em duas cidades do estado do Paraná, Arapongas e Curitiba, antes de mudarem-se para Paracatu, onde se aposentaram e se dedicam ao artesanato e à atividade agrícola para sustento próprio, além de participarem da Feira do Produtor, realizada semanalmente no bairro Centro.

Membro do Grupo de Jovens da Associação Cultural Esportiva Recreativa Nipo-Brasileira de Paracatu (ACENP), o Sr. K. ressaltou que a participação na associação lhe permitiu estudar língua japonesa, praticar esportes diversos, e interagir com jovens da colônia japonesa do Município e de outras cidades e estados brasileiros, sobretudo em viagens e competições. A recente saída de muitos de seus amigos nipo-brasileiros para cursar o Ensino Superior em outras localidades foi apontada como uma das razões para um menor dinamismo e integração da colônia paracatuense nos dias atuais. Aprendeu sobre a importância de zelar pela manutenção da cultura japonesa com a sua avó, quando lhe disse o seguinte: “Dentro da família, deve existir a palavra japonesa”, remetendo ao aprendizado da língua e à interação com pessoas de origem nipônica.

Com base nos relatos descritos acima, verifica-se que a camada nipônica do Município não atua apenas na agricultura, mas também em diversas áreas do setor de serviços. Outro fato atestado é o de que, à medida que as



gerações de nipo-brasileiros se sucedem em *nissei*, *sansei* e posteriores, verifica-se menor imersão nas tradições mantidas pelas colônias japonesas e maior integração à cultura brasileira, ainda que seja preservada certa identidade cultural japonesa, de maneira semelhante ao que ocorre em outros estados e municípios do País.

Referências foram feitas às atividades da ACENP, que consistem em grande parte das manifestações socioculturais japonesas verificadas no Município, com destaque para o ensino do idioma japonês; a prática de esportes comuns no Japão e a realização de competições, como o Torneio de Tênis de Mesa e o *Undoukai*, uma espécie de gincana; e a promoção de eventos culturais como o Jantar Oriental, o Dia das Mães, a Festa Junina, e o Dia dos Pais. Com relação à Feira do Produtor, ressalte-se a venda de produtos típicos japoneses por parte de produtores rurais e artesãos nipo-brasileiros, entre os quais *sushi*, *toofu*, *guiosa*, e *udon*, gêneros alimentícios que dividem o espaço com iguarias regionais, não sendo comprados apenas por membros da colônia japonesa.

CONCLUSÕES

A considerável presença de nipo-brasileiros em Paracatu, dedicados ou não à atividade agrícola, representa um importante resultado da cooperação bilateral entre Brasil e Japão em nível local. Intercâmbios diversos decorrem desse relacionamento, não se restringindo à esfera econômica e técnica, alcançando a dimensão sociocultural, incluindo valores com os quais vale a pena intercambiar, com destaque para a dedicação aos estudos, a disposição para o trabalho e a valorização da saúde física e mental, associados à comunidade de origem nipônica. Em Paracatu, a preservação da identidade cultural japonesa convive com significativas trocas entre a comunidade de imigrantes e a sociedade que os acolheu, contribuindo para um contexto crescentemente multicultural e relativamente desenvolvido não apenas em termos econômicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Companhia de Promoção Agrícola. 2014. **PRODECER**. Disponível em: <<http://www.campo.com.br/proceder/>>. Último acesso em: 10 Dez. 2014.



JAPAN INTERNATIONAL COOPERATION AGENCY. 2009. **50 Anos de cooperação Brasil-Japão**. Brasília: Representação da JICA no Brasil. Disponível em: <<http://www.jica.go.jp/brazil/portuguese/office/publications/pdf/50anos.pdf>,> Último acesso em: 10 Dez. 2014.

NAWA, Takako. 1988. **Bilingüismo e mudança de código**: uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF.

OLIVEIRA PIRES, Mauro. 2000. Programas Agrícolas na Ocupação do Cerrado. **Sociedade e Cultura**, Vol. 3, Núm. 1-2, Jan-Dez, 2000, p. 111-131.

Recebido em: 06/02/2015

Aceito em: 06/03/2015





Sobre a autora:

Nanahira de Rabelo e Sant Anna

Doutoranda e Mestre em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional pelo Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares (CEAM) da Universidade de Brasília (UnB). Especialista em Inteligência Estratégica pela Universidade Gama Filho. Bacharel em Relações Internacionais pela UnB. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Asiáticos (NEÁSIA) da UnB e da Associação Brasileira de Estudos Japoneses (ABEJ). Analista em Ciência e Tecnologia Pleno do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI).